

50950
UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UFPBNDiHR

TEXTOS

UF HR

A IGREJA POPULAR NA IMPRENSA PAULISTA

Joana Neves

TEXTOS UFPB - NDIHR Nº 9
JOÃO PESSOA - FEVEREIRO/85

UFPBNDiHR

A IGREJA POPULAR NA IMPRENSA PAULISTA

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento dado ao tema Igreja Popular pela imprensa de São Paulo; a análise proposta se desdobra em dois enfoques: verificar a cobertura dada pelos jornais aos problemas, ou simplesmente fatos, que envolvem a questão da Igreja Popular e, ao mesmo tempo, tentar detectar a posição assumida pela imprensa face ao assunto.

A natureza deste trabalho é bastante restrita. Devendo atender às exigências acadêmicas do curso Religião e Sociedade no Brasil, a pesquisa teve que se adequar também aos seus prazos e assim, desde o início, já se estabeleceu uma abordagem muito limitada: seria focalizada apenas a questão da Igreja Popular, deixando-se de lado a problemática ligada à Igreja, ou à religião, em geral; por outro lado havia-se pensado em realizar a pesquisa em quatro jornais paulistas (O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde e O São Paulo) além de um jornal do Rio (Jornal do Brasil) que serviria de contraponto para a análise dos jornais de São Paulo. Com o andamento do trabalho verificou-se, porém, que, de um lado, não haveria tempo material para o levantamento do noticiário nos cinco jornais e, por outro lado, não seria possível ater-se, exclusivamente, ao tópico Igreja Popular. Para se ter qualquer idéia mais significativa sobre o tema seria necessário percorrer todo o noticiário sobre a Igreja, pois a discussão em torno da questão colocada aparece dispersamente tratada em todos os aspectos relacionados à organização e atuação da Igreja. Com isso o trabalho sofreu uma restrição no que diz respeito ao número de jornais para poder ganhar em amplitude de temas e assuntos pesquisados. Por isso a pesquisa limitou-se aos dois jornais de São Paulo: O ESTADO DE SÃO PAULO (OESP) e a FOLHA DE SÃO PAULO (FSP) que revelam, sobre o tema, as posições polarizadas, o que torna possível refletir-se sobre as divergências de tratamen-

to e de perspectivas que a Igreja Popular suscita na imprensa paulista.

Estabelecida esta diretriz a pesquisa organizou-se da seguinte forma: de início procedeu-se à leitura e análise do noticiário sobre a eleição da diretoria da CNBB. Esta análise permitiu estabelecer as hipóteses (que serão colocadas mais adiante) que orientaram o prosseguimento da pesquisa, que foi o levantamento de todo o noticiário relativo à Igreja publicado pelos dois jornais escolhidos no período compreendido entre 1º de janeiro e 31 de maio. É preciso observar que esse levantamento não foi rigorosamente completo porque as coleções existentes na Biblioteca Municipal já se encontram desfalcadas de alguns números. De qualquer forma a quantidade de notícias e artigos levantados e lidos foi bastante expressiva.

Complementarmente algumas outras leituras contribuíram para a análise elaborada: O PAPA NA NICARÁGUA - uma análise dos acontecimentos - artigo de Pedro A. Ribeiro de Oliveira, publicado na REB/43 de março de 1983; A IGREJA DE WOJTYLA - um santuário da oposição, livro de Rubem C. Fernandes - Brasiliense, 1980 e uma entrevista de Leonardo Boff à Revista Isto É, número 338 de 15 de junho de 1983.

Esses trabalhos incidem, de um modo ou de outro, diretamente sobre a questão em foco e, por isso, sua leitura foi muito importante no sentido de fornecer parâmetros para a discussão do material fornecido pelos jornais.

Embora, como já foi colocado, tenha havido a necessidade de se ampliar o levantamento do noticiário para abranger tudo que se relacionasse à Igreja, é verdade que a temática específica sobre Igreja Popular continuou sendo o foco central e, em vista disso, dois acontecimentos foram nucleares: a visita do Papa à América Central e a eleição da diretoria da CNBB, uma vez que no bojo deles a questão da Igreja Popular ganhou muita relevância.

E foi justamente em torno desses acontecimentos, ou melhor, da forma como os jornais os trataram, que foi possível estabelecer, e posteriormente verificar a validade, duas hipóteses

orientadoras da análise geral: primeira - o jornal OESP considera que o Ocidente está permanentemente sob a ameaça comunista e vê na Igreja (na católica em especial) uma guardiã imprescindível contra ele e daí que qualquer ação da Igreja que pareça retirá-la dessa posição sugere ao jornal que a Instituição está se desviando do seu verdadeiro rumo e deixando de cumprir sua verdadeira missão. Segunda: a FSP, por sua vez, vê na Igreja (de novo a católica) uma das forças empenhadas na redemocratização do País e daí que tende a tratar sua atuação de modo a reforçar essa posição.

Nas conclusões essas hipóteses voltarão a ser consideradas à luz das análises feitas.

1 - A IGREJA NO NOTICIÁRIO PAULISTA: UM PANORAMA GERAL

O levantamento realizado nos dois jornais compreendendo cinco meses, foi organizado, para efeitos de visão geral, num quadro que considerou os seguintes aspectos: 1º - Visita do Papa à América Central: antecedentes, cobertura da viagem, repercussões e editoriais; 2º - Eleição da diretoria da CNBB: os mesmos itens do tópico anterior e 3º - Outros assuntos: notícias nacionais, notícias internacionais, editoriais, comentários, notícias sobre outras igrejas e manifestações de leitores.

Anotou-se ainda o número de chamadas de primeira página e as referências específicas à Igreja Popular.

Assim têm-se: um total de 441 artigos dos quais 223 publicados pelo OESP e 218 pela FSP. Sobre a visita do Papa à América Central (ocorrida entre 2 e 9 de março) OESP publicou 68 artigos dos quais 9 foram editoriais; a FSP publicou 52 e apenas um editorial. Sobre a eleição da diretoria da CNBB (ocorrida na 21ª Assembléia do episcopado Brasileiro, em Itaici - SP, entre 6 e 15 de abril) OESP publicou 18 artigos (três editoriais) e a FSP 21 - um editorial. Quanto aos demais assuntos verificou-se o seguinte quadro:

| | | |
|--------------------------|----|----|
| notícias nacionais | 52 | 75 |
| notícias internacionais | 61 | 46 |
| editoriais | 10 | 3 |
| comentários | 5 | 14 |
| outras igrejas | 6 | 5 |
| manifestação de leitores | 3 | 5 |

OESP deu 26 chamadas de primeira página e a FSP 29 e no ESP a Igreja Popular é especificamente tratada em 22 artigos, enquanto que na FSP aparece em 9.

Considerando-se o posicionamento dos jornais frente à problemática da Igreja convém salientar que, no período coberto pela pesquisa, OESP fez 22 editoriais e a FSP apenas 5, cujos conteúdos serão discutidos ao longo do trabalho.

(Obs.: É preciso lembrar que o levantamento não foi rigorosamente completo. Na coleção consultada na Biblioteca Municipal faltam 17 números de OESP e um da FSP, no período de 1º de janeiro a 13 de abril; no período posterior a 20 de abril também houve algumas falhas).

2 - IGREJA POPULAR: DEFINIÇÕES

Antes de se proceder à análise dos jornais é necessário tentar se estabelecer definições mais precisas do tema em questão: o que se entende, afinal, por Igreja Popular?

As colocações feitas a seguir são resultantes do próprio noticiário dos jornais do qual se procurou filtrar as definições dadas, sem as avaliações apresentadas ou sugeridas pelos articulistas.

Assim sendo, no período tratado, a Igreja Popular surge como assunto quando se noticia a viagem do Papa à América Central, especificamente quando se considerou o seu pronunciamento, bem como as suas respectivas repercussões, na Nicarágua.

De acordo com o discurso do Papa, por Igreja Popular entende-se uma facção do clero nicaraguense que se envolveu e se comprometeu com a revolução (e posteriormente com o governo) sandinista e esta facção estaria introduzindo uma divisão no seio da Igreja Católica sob dois pontos de vista: de um lado devido à participação política direta (o que é contrário à orientação da Igreja) e de outro lado porque se recusaria a obedecer à hierarquia institucional. Haveria, portanto, sob o rótulo de Igreja Popular, uma tentativa de constituir uma igreja cismática na Nicarágua e, por extensão na América Latina, uma vez que o exemplo sandinista tende a repercutir nos demais países.

O principal desvio imputado a essa Igreja Popular (além da desobediência à hierarquia) é uma evidente tendência para o socialismo e uma aceitação do marxismo, considerado absolutamente anti-cristão, tanto como método científico para a análise da realidade social quanto como programa para a organização das sociedades, sobretudo as subdesenvolvidas do 3º Mundo.

Os pronunciamentos do Papa com relação à Igreja Popular da Nicarágua (que datam de julho de 82, quando ele enviou uma carta ao clero nicaraguense) foram no sentido de chamar os dissidentes à união; todo seu esforço foi no sentido de reforçar a hierarquia católica, de repreender os padres que atuam diretamente nas lutas políticas e conclamar a todos à unidade sob a sua direção. *"A Igreja Católica é uma e guio-a eu"*, disse João Paulo Segundo.

Um outro componente da definição da Igreja Popular, segundo o noticiário, diz respeito ao que sobre ela afirma o clero brasileiro. Considerando-se pronunciamentos de destacados membros do clero católico brasileiro pode-se verificar duas posições distintas: uma primeira é a que não admite a existência de uma "igreja popular", no sentido de que não há qualquer grupo que pretenda se afastar da hierarquia institucional da Igreja Católica e nem desobedecer aos padres, bispos ou ao Papa; o que existe é uma intenção, por parte de um amplo setor do clero, de dar concretude à "opção preferencial pelos pobres" e nesse sentido aproximar e identificar a Igreja Católica com suas bases populares. Para uma segunda posição a Igreja Popular, constituída sob

o modelo da Nicarágua, é uma realidade e a sua expansão para os outros países e principalmente no Brasil, é um perigo iminente contra o qual é preciso acautelar-se. Nesse sentido admite-se, dentro da Igreja Católica, a existência de um movimento cismático, herético, anti-cristão e até mesmo anti-religioso que bota em risco a unidade e a universalidade da Igreja centrada em Roma.

O espaço entre essas duas posições é percorrido por uma posição que se pode considerar intermediária que é a que admite a possibilidade de se estar constituindo uma Igreja Popular na Nicarágua, mas que o mesmo não ocorre no Brasil (inclusive por que aqui o clero estaria vigilante). Não se aceita, nesse caso, que as experiências de aproximação da Igreja Católica às camadas mais populares da sociedade brasileira, a defesa dos seus interesses e o apoio dado às suas lutas, possa ser confundido com o que se chama de "igreja popular".

A partir dessa colocação surge como um problema sério para a Igreja Católica no Brasil a caracterização das comunidades e clesiais de base - as CEBs -. Elas aparecem, segundo alguns, como o modelo de realização concreta da opção pelos pobres e da constituição de uma Igreja enquanto povo de Deus e não apenas Instituição estática e hierárquica e para outros elas se identificam, no Brasil, como a Igreja Popular, afastada da hierarquia e propoente de uma igreja classista, destituída, portanto da sua tradicional universalidade. Seria também uma igreja quase que exclusivamente preocupada com os aspectos materiais da vida, distanciando-se das preocupações espirituais e transcendentes - voltada para a criação do reino de Deus na terra e não para o reino dos céus.

Uma outra forma de se colocar a questão da Igreja Popular é em termos de tradicional/conservadora ou progressista. E aqui aparece a forma usada preferivelmente pela imprensa, sobretudo quando se trata do Brasil; a Igreja Católica se apresentaria dividida em uma ala conservadora ou tradicional (oposta a uma igreja popular) que se mantém fortemente institucional e hierárquica, absolutamente fiel ao Papa e uma ala progressista que, para alguns, se identifica com a Igreja Popular, que entende a opção pelos pobres como uma palavra de ordem para a realização de mudanças fun-

damentais e que, embora não preconize um desligamento hierárquico, admite que a palavra do Papa não deve ser absolutizada.

Assim, ao longo do noticiário analisado expressões como ala ou clero progressista e CEBs surgem como sinônimos de Igreja Popular ou de seus adêptos.

E a divergência entre essa Igreja e a Igreja tradicional é posta em dois níveis: manutenção ou não da unidade e da universalidade da Igreja Católica Romana e posição da Igreja (e da religião) em função da organização sócio-econômica e política das sociedades nas quais os seus fiéis estão inseridos; nesse segundo nível a Igreja é considerada como uma entidade "neutra", colocada acima das classes sociais e desvinculada dos conflitos existentes entre elas ou como uma instituição natural e necessariamente engajada devendo optar diante das divergências sociais e participar das lutas travadas no seio da sociedade, inclusive na luta de classes.

3 - A IMPRENSA E A IGREJA POPULAR

Para se proceder a uma análise rigorosa e completa e que permitisse conclusões mais categóricas sobre o posicionamento da imprensa (dos dois jornais considerados) sobre o tema da Igreja Popular seria necessário verificar, como ponto de partida e pressuposto, qual é a posição dos jornais face à religião e à Igreja como um todo. Isso exigiria uma pesquisa preliminar que extrapolasse o período estabelecido para este trabalho e, mais ainda, exigiria que outras matérias fossem examinadas para que se pudesse estabelecer a linha ideológica dos jornais, que orienta, evidentemente, a sua posição com relação aos diversos assuntos tratados e não apenas à Igreja. Seria preciso considerar também as contradições dos jornais e detectar mudanças ocorridas nas suas análises ao longo, pelo menos, dos períodos mais expressivos de transformações na atuação da Igreja. No presente caso teria que se considerar a realização do Concílio Vaticano II e, para o caso do Brasil

e da América Latina, particularmente as Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla.

Dada a impossibilidade de se efetivar, no momento, tais pesquisas o que se pode apresentar tem o caráter de uma "amostra" e serve mais para suscitar questões a respeito do tema do que para se formular conclusões.

A exposição que se segue procura relatar o tratamento dado por ambos os jornais sobre os eventos mencionados, destacando os pontos sobre os quais torna-se possível uma comparação esclarecedora.

O tratamento da matéria em pauta dado pelos jornais deve ser considerado em dois níveis: noticiário e editoriais.

No primeiro caso os dois jornais se equivalem, como, aliás o levantamento feito no item 1 o indica. De modo geral o que ambos os jornais fazem é cobrir com destaque os acontecimentos (seria interessante, por exemplo, verificar o espaço dado à igreja em relação à proporção dedicada às outras matérias) e registrar, sem tomar posição, as divergências e polêmicas entre a Igreja e outras instituições (governos no presente caso) e entre os membros e/ou facções internas da Igreja.

À guisa de exemplo considere-se alguns aspectos do noticiário sobre os dois fatos tomados como referências para a pesquisa.

a) *A visita do Papa à América Central*

O Estado de São Paulo dedicou 12 artigos aos antecedentes da viagem e a Folha de São Paulo 7; ambos consideram a complexidade em torno da viagem tendo em vista o contraste entre a missão de paz (óbvia) do Papa e a situação de violência da região. O ESP se ocupa mais de questão dos perigos que o Papa iria encontrar e em particular da divisão da Igreja na Nicarágua, ao que a FSP só se refere como parte do contexto geral.

Com relação à viagem propriamente dita, bem como às suas

repercussões, O ESP publica 47 artigos e a FSP 44. Ambos concedem muito espaço ao caso da Nicarágua e se ocupam, sobretudo, da posição assumida pelo clero brasileiro. É exatamente desta parte do noticiário que se podem extrair as definições de Igreja Popular, bem como se identificar o posicionamento de algumas das principais autoridades eclesiásticas brasileiras e de alguns comentaristas. É assim que OESP registra, por exemplo, a 5-3 que "o Papa condena a Igreja Popular e os marxistas", e adverte contra "compromissos ideológicos inaceitáveis"; a condenação à Igreja Popular é sobretudo pelo fato dela estar voltada para as opções materiais e descindulada da obediência aos bispos.

No ESP de 11-3 pode-se ler declarações de D. Aloisio Lorscheider sobre a questão da Igreja Popular colocada a propósito da Nicarágua: para o arcebispo brasileiro é muito difícil falar sobre o pronunciamento do Papa e sobre a "chamada" ala da Igreja que se define como "Igreja Popular", "embora ninguém goste muito de utilizar a expressão, devido a sua ambiguidade", ele interpreta assim: "... o que o Papa não quer - igreja popular - que corre o risco de cair na demagogia. O que entender por Igreja Popular? se é Igreja que tem participação dos fiéis, é uma coisa boa. Se é uma Igreja à margem da autoridade dos bispos, não é".

Na FSP, por sua vez, abre-se espaço para comentários mais comprometidos, como é o caso do artigo publicado no dia 2-3 sob o título "O confronto de duas Igrejas na Nicarágua", onde se adverte para o fato de que se trava na Nicarágua uma batalha pelas mentes e corações dos fiéis: "o papa vai falar de união e seu discurso terá duas leituras (os progressistas falam de duas tendências na mesma Igreja). Será em Manágua que se tentará conquistar o Papa para uma das duas tendências. Ocorre que a hierarquia abandonou o somozismo quando os empresários o fizeram e se afastaram do sandinismo também quando os empresários o fizeram." Registra o artigo que o que deixou a hierarquia perplexa foi que pela primeira vez os cristãos se engajaram em uma revolução que chegou ao poder e isso leva a Igreja a uma postura ambígua na atual situação da Nicarágua, ou seja, apoia a revolução e condena seus dirigentes por "sovietização", e, sendo assim, nada do que o Papa desse iria alterar a situação profundamente - "não se trata de uma nova Igreja que está surgindo, mas a velha Igreja com suas

tendências e lutas internas, agudizadas pelo papel que os católicos vão assumindo no continente na luta política e social. E é esse, na verdade, o eixo da questão, agrade ou não ao papa", conclui o artigo.

No dia 4-3 é a vez do correspondente Paulo Francis afirmar que existe uma Igreja dividida na América Latina e que o "erro de João 23 (foi) de achar que abrindo as janelas medievais da Igreja ao mundo moderno a estrutura resistiria ao ar de fora". Anota que a divisão interna da Igreja atinge até aos jesuitas e quanto à proposta de paz com base no diálogo, trazida por João Paulo 2º, afirma que não há diálogo entre um Guilherme Garcia e guerrilhas e compara o Papa a um liberal norte-americano que espera o impossível: - "não há resistência liberal à tirania - perto dos ditadores da América Central e Latina Jaruzelski é uma dama."

Quanto à repercussão da visita do Papa à América Central ambos os jornais dão relevo exatamente ao ocorrido na Nicarágua, e OESP é o único a publicar pronunciamentos da imprensa de países socialistas (Checoslováquia, Albânia e Cuba) que acusaram o Papa de estar interferindo na política interna dos países da América Central (como o faz também na Polónia) e também de estar agindo como "missionário negro" de Washington.

Contudo se deve ressaltar o tom de neutralidade e de isenção do noticiário, com os articulistas fazendo largo uso de espas. Deve-se, em contrapartida, destacar a grande diferença no tratamento dado ao assunto pelos editoriais.

No único editorial da FSP, sob o título O Papa na América Central, salienta-se a sobriedade e mesmo a "neutralidade" com que o tema é abordado. Explica - os incidentes havidos como algo esperado, ou, pelo menos, como algo que não podia se estranhar dada a situação da Igreja na América Central, sobretudo na Nicarágua, desde que participou da frente sandinista, tendo sido, posteriormente, alijada e substituída por uma "nova entidade religiosa, chamada 'Igreja Popular', mais afinada com os atuais governantes". Considerou que o Papa não deve ter se surpreendido uma vez que ele sabia onde iria pisar e realizou a visita por sua livre vontade (ou seja: porque quiz). Salienta, como ponto positivo o fato

do Papa ter chamado a atenção para a área e para seus conflitos e problemas.

Já OESP, por seu turno, utilizou-se de nove editoriais para manifestar sua total condenação à Igreja Popular e o fato de o comunismo internacional dela se utilizar para interferir e expandir-se na América Latina. Esta é, a rigor, a tônica de todos os editoriais, segundo os quais com a visita do Papa ficou desmarcada a existência de uma ala cismática herética dentro da Igreja que se camuflava sob os rótulos de igreja popular, progressista e que, sob o pretexto de "opção pelos pobres", procurava distorcer o sentido da religião desligando-a do seu conteúdo espiritual e transcendental, voltando-a exclusivamente para os problemas materiais e, o que é mais grave, colocando-se a serviço de Moscou. Para um exemplo ilustrativo veja-se o publicado no dia 11-3 intitulado "Amplia-se a orquestração contra o papa", no qual se relaciona o ocorrido na Nicarágua com as críticas feitas pela imprensa de Praga, Tirana e Havana. Segundo o editorial "parece difícil que Moscou não esteja por trás de tudo isso", após historiar a política de Moscou dos anos 50 até agora (estimulando os "padres patriotas" húngaros e os "progressistas" poloneses que apoiam os governos socialistas) chega diretamente ao frei Leonardo Boff que, com o apoio de D. Paulo Evaristo, procura introduzir o marxismo na Igreja Católica. Além disso há o silêncio conivente da CNBB.

Para o mesmo editorial, é possível que "Moscou tenha concluído que chegou a hora de dividir a Igreja no hemisfério quebrando sua força (...). Será difícil a CNBB continuar equilibrando-se sobre o muro e oferecendo suas graças a Yuri Andropov, com breves reverências à Roma a fim de dar ao papa a impressão de que está do seu lado".

b) A eleição da diretoria da CNBB

A cobertura dos jornais referiu-se à reunião dos bispos, em Itaici. Também com relação a esse item nota-se entre os dois jornais uma certa identidade de tratamento, ao nível dos artigos. Sendo que a FSP ocupa-se um pouco mais do que o ESP com o acontecimento em si; dedicou ao seu desenrolar 14 artigos para 9 de OESP; este, por sua vez, publicou 2 artigos sobre os antecedentes

da reunião e 4 sobre as suas repercussões, enquanto que a FSP dedicou 6 artigos aos antecedentes e não se ocupou das repercussões.

Na cobertura a ênfase dada, por ambos os jornais, foi a polémica criada em torno das declarações de d. Luciano Cabral Duarte sobre a divisão entre o episcopado conservador e o progressista (fiel ao papa ou ligado à Igreja Popular). E a esse respeito o que os jornais fazem é registrar os principais pronunciamentos e posições dos membros do clero brasileiro, de modo a poder caracterizar a situação geral, que pode ser assim definida: a Igreja Católica no Brasil apresentou-se na 21.^a Assembléia Geral da Conferência Nacional de Bispos dividida em duas alas bastante distintas: uma que se constitui em torno da posição de Dom Luciano Cabral e outra representada pela Diretoria da CNBB. Para designar-se essas alas usam-se expressões conservadora (ou tradicional) e progressista, respectivamente e as questões em torno das quais elas aparecem polarizadas são: divisão ou unidade da Igreja sentido da "opção preferencial pelos pobres" (preferencial é igual a exclusiva?) e o papel das CEBs (representam elas a Igreja Popular no Brasil?).

Essa polarização, contudo, aparece minimizada por alguns pronunciamentos que a imprensa registra, chamando a atenção para o elemento de moderação; é o que ocorre, por exemplo, com dom Avelar Brandão ao responder oficialmente (pela CNBB) as críticas de dom Luciano Cabral. O principal destaque à existência de uma ala moderada é dado pelo OESP, ao publicar um pronunciamento do bispo de Valença, Dom Amaury Castanho; para o qual 90% dos bispos brasileiros "são moderados, em posição equidistante dos poucos situados entre os progressistas e os conservadores". Ainda segundo ele houve em Itaici algumas "tensões maiores", porém, naturais como ocorre em todas as assembleias; afirma, ainda, que "entre os eleitos ... não há nenhum dos bispos tidos como radicais."

Nesse contexto fica interessante observar que ao se posicionar frente ao assunto, nos seus respectivos editoriais, os jornais assumem as perspectivas existentes dentro do próprio clero. Assim OESP (que dedicou 3 editoriais ao tema) assume o discurso da ala conservadora e vê na reeleição da diretoria da CNBB um "sinal verde para o progressismo" (título do editorial do dia 14-4)

o que poderá trazer a desagregação para a Igreja Católica pois, segundo conclui o editorial, "na verdade, e é com tristeza que o reconhecemos, todos esses povos 'teólogos' (refere-se a Leonardo e Clodovis Boff) estão certos quando afirmam que terão o apoio, como até agora tiveram, da cúpula da CNBB - cujos representantes constituem a maioria do episcopado (e não a minoria como até agora afirmávamos) - em sua tarefa de dar à Igreja um perfil diferente daquele que seu Fundador lhe quiz dar". Naturalmente o editorialista conhece como ninguém o perfil pretendido pelo Fundador da Igreja.

A FSP, por seu lado, não radicaliza pactuando da posição dos progressistas. No único editorial que faz sobre o tema, com o título de A Direção da CNBB, também do dia 14-4, o jornal prefere aceitar a tese da moderação. Destaca a unidade da Igreja explicitada pela voz moderadora do cardeal-primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, bem como o fato dele recusar-se a aceitar as implicações radicais da idéia de uma "Igreja Popular" embora afirme "a opção preferencial - não excludente - pelos pobres e marginalizados como uma diretriz permanente da ação pastoral". Para o editorial a convivência entre "progressistas" e "conservadores", balizada pela voz moderadora, tranquiliza o católico brasileiro e "deve ser bem vista pela opinião pública. Mais do que um exemplo, na verdade, a preservação da influência moderadora da Igreja como um todo, graças à conciliação democrática de suas divergências, constitui um fato auspicioso nesta fase da vida nacional, não isenta de riscos de radicalização das forças políticas e sociais", afirma o editorial concluindo que é animador verificar que a influência da Igreja, a partir dos resultados de Itaici, "continuará" sendo exercida a favor da democratização do País e da redução de suas agudas desigualdades sociais."

OESP que se ocupa da repercussão do ocorrido em Itaici, focaliza especialmente os pronunciamentos de bispos da ala conservadora que reafirmam sua preocupação, sobretudo com o sentido que se dá à opção preferencial pelos pobres e à existência ou não de uma tendência para se constituir, a partir das CEBs, uma Igreja Popular no Brasil. É nesse sentido que se situam os pronunciamentos

de dom Vicente Scherer, dom Luciano Cabral, dom Eugênio Sales e de um leitor (padre Luis Ilc, da capital de São Paulo) publicados entre 17 e 20 de abril.

4 - A POSIÇÃO DOS LEITORES

As manifestações de leitores a respeito da Igreja no período considerado foram muito poucas (apenas 8 no total) e, no geral, de teor conservador. Nos três artigos publicados pelo OESP a posição expressada é, sem dúvida, conservadora e tradicional: uma delas é para louvar a freira que organizou, a 19 de março de 1964, a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", cujo aniversário, aliás, não foi lembrado, lamentou-se a leitora (23-3); a outra é para elogiar dom Luciano Cabral, cristocentrismo que com um pronunciamento corajoso "estourou o tumor existente intra murus Ecclesiae", e a terceira fala da beatificação, merecida, de João 23 (esses dois artigos do dia 17-4-).

Na FSP as coisas aparecem mais equilibradas: há um artigo condenando a participação de dom Avelar na cerimônia de lançamento do livro de Teotônio Vilela, porque se faria uma homenagem às guerrilhas do Araguaia; um outro artigo, em compensação, elogia as cerimônias em memória de Frei Tito e de Alexandre Vanucci. Os outros trazem uma discussão entre uma católica (que faz um desabafo) e um padre. Nessa discussão verifica-se a permanência da idéia de uma Igreja tradicional. O desabafo da católica é porque não conseguiu localizar um padre para encomendar um parente morto no dia 31-12-82, às 20:30 h. (29-1); o padre cobra dela o fato de só procurar o padre em horas difíceis e a não existência de um verdadeiro convívio com uma comunidade religiosa (3-2); a resposta da católica é fulminante! trata-se de uma sobrinha de dois cardeais, cunhada de dois Provinciais dominicais e de uma irmã de São Vicente de Paulo e sobrinha-neta de uma irmã da Assunção e que "viveu 60 anos de sua vida cercada pelo clero que seus pais sustentavam, como também a todas as outras comunida

des religiosas da cidade" (10 - 2). O padre, coitado, humildemente calou-se.

5 - OUTRAS QUESTÕES

Como já foi colocado a análise da temática - Igreja Popular - uma visão mais ampla do tratamento dado pela imprensa aos demais assuntos sobre a Igreja, em geral. E nesse sentido procedeu-se ao levantamento e à leitura dos artigos publicados no período coberto pela pesquisa, contudo, não foi possível, pela exiguidade de tempo e também pela limitação imposta pelo próprio tema de trabalho, realizar uma análise exaustiva de toda a matéria. Assim, o que se pode apresentar é, como ilustração e exemplo, alguns aspectos pinçados do conjunto, focalizando, para efeitos de comparação entre os dois jornais, as diferenças de tratamento e, sobretudo, quando for o caso, as posições assumidas.

Também nesse tópico é interessante tomar-se o nível dos noticiários e o nível dos editoriais. No primeiro caso podem ser destacados como aspectos mais significativos os seguintes:

- 1 - OESP dá muito mais destaque à Igreja internacional e a FES à Igreja no Brasil, conforme, aliás, demonstram os dados apresentados no item 1.
- 2 - A respeito do novo Código Canônico OESP dá ênfase à afirmação da hierarquia e da unidade (universalidade) da Igreja e às restrições à participação política do clero enquanto a FSP enfatiza a autonomia concedida aos bispos, a adequação da instituição eclesiástica aos novos tempos.
- 3 - Para divulgar o sepultamento dos restos mortais do Frei Tito, transladados para o Brasil este ano, OESP dá, apenas uma pequena nota (18-3), na qual situa o padre assim: "depois de ter passado por várias prisões brasileiras, onde foi torturado por suas ligações com Carlos Marighella".

A FSP publica vários artigos sobre a matéria e atribui as torturas sofridas pelo padre ao fato de as autoridades que rerem extrair dele informações sobre o Mariguela (25-3).

- 4 - OESP concede bastante espaço para declarações do dissidente soviético Alexander Solzhenitsyn que insiste em colocar o cristianismo como uma arma potente contra o comunismo e em conclamar os cristãos para que não se desviem desse caminho. A FSP não se ocupa dele.
- 5 - Em contrapartida a FSP concede espaço para dom Helder (prê^o mio que recebeu em Tóquio, encontro com o chanceler holandês) que não frequenta as páginas do ESP.
- 6 - A FSP acompanha a vida do frei Vito Miracapilo, que foi expulso do Brasil e agora sofre pressões do prefeito da sua cidade natal na Itália, que, diga-se de passagem, é do partido comunista; OESP o ignora.
- 7 - A maior diferença no tratamento do assunto Igreja entre os dois jornais diz respeito, porém, ao papel político da Igreja Católica no Brasil. A FSP, ao contrário do OESP, privilegia este tema dando destaque às manifestações do clero brasileiro relativos ao sistema político ou ao modelo sócio-econômico do País, e, além disso, convoca o clero, sobretudo o paulista e particularmente dom Paulo Evaristo, a se pronunciar, como se vê no artigo do dia 29 - 5: "*Nossa responsabilidade coletiva*" - no qual o cardeal de São Paulo afirma: "*É nessa perspectiva (superar a injustiça que pesa sobre o povo) que aproveito a oportunidade deste espaço que a "Folha" teve a iniciativa de me oferecer ...*". OESP a esse respeito além de não lhe dar muito relevo, chega a ironizar quando, por exemplo, cobra de dom Paulo Evaristo que proponha eleições diretas para a diretoria da CNBB, a exemplo do que a Igreja (dom Paulo, dom Ivo) havia feito para as eleições brasileiras.

Ao nível dos editoriais ressalta-se como maior diferença entre OESP e a FSP a grande preocupação do primeiro com a Igreja internacional. Dos 10 editoriais que se ocupam do que se chamou "ou-tros assuntos" apenas um se refere a problemas no Brasil; é o do

dia 12 - 3, intitulado "Corajosa tomada de posição de um bispo" e se refere à atitude de dom Boaventura Kloppenbur, bispo auxiliar de Salvador, ao condenar o uso político das CEBs. Nos outros os temas dizem respeito a problemas de fora do Brasil, porém, a temática é uma só: a necessidade de se manter a Igreja coesa e forte contra o avanço das idéias e dos sistemas comuno-marxistas, materialistas e ateus que empreendem uma verdadeira perseguição à Igreja e à religião. Note-se que para o jornal agora se pode falar em verdadeira perseguição porque se dirige à Igreja mesmo e não a membros ou fiéis individualmente. (Isso com certeza não pode ter tanta importância ante ao ataque da Instituição como um todo).

A FSP, ao contrário, nos seus editoriais - três - nessa parte, não manifesta preocupações com os destinos da Igreja e nem com a sua condição de refúgio e guarda eficaz no combate ao comunismo. Onde o ESP vê derrocada em função do avanço "progressista" ou reforçamento em função de vitórias da ala tradicional, a FSP percebe apenas equilíbrio e moderação (como no caso da eleição do presidente do CELAN) - editorial do dia 16-3. No editorial de 27 - 3 discute as relações Igreja - governo do Brasil e no dia 2 - 4, sob o título "Cristo e a bomba", faz considerações muito genéricas sobre a violência no mundo atual e a necessidade, para contê-la, de a humanidade tomar Cristo como exemplo.

CONCLUSÕES

Após o exame dos noticiários de OESP e da FSP relativos à Igreja, no período de 1 - 1 a 31 - 5, pode-se chegar à conclusão de que a questão da Igreja Popular polariza os dois jornais. OESP se posiciona evidente e francamente contra assumindo a posição do clero mais conservador, não só no Brasil como o internacional e a FSP, colocando-se na perspectiva da ala progressista sobretudo do episcopado brasileiro, não admite a existência, pelo menos no Brasil, de uma Igreja Popular que estivesse dividindo a Igreja católica no momento.

Para o caso brasileiro, em especial, a questão da Igreja Popular, se coloca, sem que se aceite ou se utilize da expressão, em dois momentos: primeiro quando se fala da opção pelos pobres: identificam-se como adeptos de uma Igreja Popular os que dão muita

ênfase ao preferencialmente (modo da opção) entendendo mesmo que a Igreja deve se afastar dos ricos, para se aproximar dos pobres (consequência lógica numa sociedade de classes, onde os conflitos e antagonismos são muito agudos). No lado oposto estariam os que procuram minimizar os efeitos dessa opção e para isso criticam o conteúdo excessivamente material da posição contrária e procuram dar ênfase à religião como instância do espiritual, que toca a todos, in distintamente, considerados como indivíduos, fugindo assim da problemática das classes sociais, ou mais precisamente, aceitando a divisão em classes como natural e até mesmo desejável como se pode depreender do pronunciamento de dom Boaventura Klppenbur, no dia 26-5, publicado pelo ESP, que afirma: *"Digo que Deus não é socialista, porque ele não fez nada igual. Fez como bem quis. E acho que o socialismo só daria certo se no mundo houvesse anjos em vez de sem vergonhas"*. Ainda sobre a opção pelos pobres há afirmações como a de dom Eugênio Sales para o qual todos os homens são pobres, tanto os desvalidos da fortuna como os desvalidos de Deus.

O segundo momento refere-se às CEBs. Apesar de se reconhecer que não se trata de uma realidade homogênea - as CEBs podem ter características as mais variadas - admite-se uma dicotomia em torno delas: a ala progressista as vê como concretização de uma Igreja que se apresenta como povo de Deus, ensejando, portanto, a plena participação de todos, principalmente dos pobres, e não teme que, a partir delas, se constitua uma Igreja Popular e os conservadores que receiam que as CEBs, afastando-se do controle da hierarquia possam ser instrumentalizadas por ideologias contrárias à religião e terem sua ação dirigida para outros objetivos que não os especificamente religiosos e assim constituir uma Igreja Popular cis mática e herética. A principal expressão desse receio pode ser per cebida na afirmação de dom Luciano Cabral: *"Igreja de Cristo não é um sindicato, não surgiu para melhorar a situação política e eco nômica da Terra"*. (OESP 20 - 4).

Nos dois momentos estão presentes latente ou explicitamente a questão da aceitação ou não do marxismo. Para o cardeal dom Vicente Scherer é preciso que os cristãos estejam alertas contra "o efeito destruidor e desumano" do marxismo que se tornou "o mais cruel e implacável perseguidor do cristianismo nos tempos modernos". (OESP 19 - 4). Para Leonardo Beff (sempre citado como

exemplo de teólogo da libertação) "o que existe é uma apropriação tipicamente cristã do marxismo ... Acho que o próximo milênio será marcado sobretudo por cristãos que assimilaram à sua maneira o marxismo e o transformaram numa grande carta de libertação na direção dos valores fundamentais evangélicos - uma sociedade mais aberta, mais fraterna, menos dividida em classes, privilégios e elitismo. Nesse sentido eu diria que Marx é uma espécie de profeta" (entrevista a revista Isto É, nº 338 de 15-6-83). Essas duas posições dividem os cristãos católicos brasileiros e, tudo indica, tiram o sono dos editorialistas de OESP.

Retomando as hipóteses inicialmente colocadas, pode-se afirmar que no seu teor geral elas se mantêm.

OESP, a julgar pelos seus editoriais, aos quais se podem acrescentar os artigos assinados por H.D. na coluna "Movimento Religioso" acredita num perigo comunista sempre presente, contra o qual a Igreja tradicional (a que preconiza a "misericórdia divina" como o grande recurso contra o "demônio" e contra o "pecado") se constitui numa imprescindível arma e, por isso, não pode desviar-se dos seus rumos, que, de resto, foram traçados pelo próprio Fundador; assim sendo, não pode fazer concessões a ideologias anticristãs que, sob o pretexto de defesa dos pobres e oprimidos, abrem flancos aos inimigos comuno-marxistas.

A FSP, mais serena e sóbria, pelo menos a julgar pelos seus reduzidos e quase indiferentes editoriais, vê na Igreja Católica, no Brasil particularmente, uma grande força e, ao mesmo tempo, um grande exemplo, de moderação e equilíbrio, o que a faz um importante componente do processo de redemocratização que o País vive no momento e que, principalmente, deve levar adiante e aprofundar.

Finalmente, nos dois jornais, tanto a nível de editoriais e comentários como no noticiário a problemática da Igreja Popular - e da Igreja em geral - é perpassada por uma questão fundamental, que é a da relação entre fé e política. OESP aceita a visão tradicional e conservadora de que a fé diz respeito ao indivíduo e afeta sobretudo sua relação com Deus e, portanto, impõe para a religião (para a Igreja) uma organização e atuação voltadas para as questões transcendentes. A FSP, por sua vez, parece assumir a no-

va leitura do sagrado feita pelos progressistas, para os quais a fé é, antes de tudo, um compromisso do homem com seus semelhantes, com a sociedade como um todo e com o seu tempo, daí decorrendo que se exigiria da Igreja e da religião engajamento em todos os problemas e em todas as lutas que envolvem a sociedade e a vida dos povos; na busca não se da salvação da alma mas do resgate da dignidade humana por inteiro.

ADENDO

Há uma questão muito interessante no contexto de discussão que a imprensa paulista faz sobre a Igreja. Trata-se da análise da posição e da atuação do papa João Paulo 2º.

A esse respeito é pernitante examinar a tese Fernandes exposta no seu livro "A Igreja de Wojtyla - um santuário da oposição", segundo a qual o atual papa se caracteriza por colocar a Igreja por ele dirigida em guarda contra todos os governos ditatoriais de qualquer extração ideológica que seja. Nesse sentido o autor vê uma completa correspondência entre a Igreja Católica na e no Brasil, ambas lutando em defesa dos direitos e das liberdades básicas dos respectivos cidadãos.

A partir dessa colocação pode-se situar comparativamente o EESP e a FSP.

OESP considera efetivamente o papa atual como um combatente contra os regimes totalitários, só que estes são apenas os socialistas; quando se tratam de ditaduras de a posição cobrada pelo jornal dos membros da Igreja, e do seu sumo pontífice em primeiro lugar, é de distanciamento, de não envolvimento com as questões políticas internas dos países e foi exatamente essa a leitura que fez dos discursos do papa na América Central, quando ele não condenou, ao menos explicitamente, os governos do continente, apesar de ter recebido solicitação de parte do clero local nesse sentido.

A FSP não se posiciona, através de editoriais, com muita clareza, mas seus comentaristas, entre eles Newton Carlos, Claudio Abramo e Paulo Francis constantemente aponta nas atitudes e pronun

ciamentos de João Paulo 2º o seu envolvimento político, óbvio, em todas as circunstâncias. Em artigo do dia 22 - 6 Paulo Francis, por exemplo, nota que o papa impede a participação política do clero nos movimentos revolucionários de esquerda. João Paulo 2º é para ele um aliado da direita e é para esse lado que pretende jogar o peso político da Igreja Católica.

Ainda com relação à interpretação das atitudes e discursos do papa é interessante notar que por ocasião da visita à América Central o noticiário dos dois jornais veiculou a versão do agravo ao papa no incidente da missa em Managua (possivelmente organizado pelo governo sandinista) enquanto que Pedro A. Ribeiro de Oliveira, que estava presente ao acontecimento, no artigo da revista REB, já citado, registra uma manifestação espontânea e não previamente organizada de um povo ressentido com a indiferença do papa diante dos seus problemas, tanto que chegou ao ponto de nem lamentar seus mortos (refere-se aos jovens mortos pela guerrilha anti-sandinista que haviam sido sepultados no dia anterior ao da visita do Papa).

Nesse debate está em discussão a questão da infalibilidade do papa: relativizada pelos progressistas e formalmente sem restrições pelos conservadores é usada por todas as tendências como instrumento de realização de objetivos políticos diversos. A ampla repercussão que as palavras e ações de João Paulo 2º provocam, e que ocupa tanto espaço nos jornais é sinal evidente de que, para qualquer corrente, a liderança religiosa é ainda um grande e inevitável componente político.

FONTES CONSULTADAS

- 1 - Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO - de 1 - 1 a 31 - 5 de 1983.
- 2 - Jornal FOLHA DE SÃO PAULO - de 1 - 1 e 31 - 5 de 1983.
- 3 - Revista ISTO É - nº 338, de 15-6-1983.
- 4 - REB/43, março de 1983. Petrópolis, Vozes. 1983.
- 5 - FERNANDES, Rubem C. A Igreja de Wojtyla. Um santuário da oposição. São Paulo, Brasiliense. 1980.

TEXTOS UFPB - NDIHR JÁ PUBLICADOS

1. RASTROS DA TRAGÉDIA
Mauro Guilherme Khnoury - agosto/83.
2. PREÇO DA TERRA, TAXA DE JUROS E ACUMULAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL.
Claudio Antonio Gonçalves Egler - setembro/82.
3. MOVIMENTOS SOCIAIS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO. PARAIBA 1917-1921.
Antonio Albino Canelas Rubim - outubro/1983.
4. A CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DOS SOCIALISMOS NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO.
Silvio Frank Alem - maio/84.
5. O SOLO URBANO E DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA.
Tamara Tania Cohen Egler - outubro/84
6. TRABALHO. O CAPITALISMO ADIANTADO E A CLASSE OPERÁRIA. UM NOVO SINDICALISMO.
Joana Neves - fevereiro/85.
7. SOBRE BANANAS E BANANEIROS. Produção Mercantil e Relações de Trabalho.
Jacob Carlos Lima - janeiro/85.
8. CLIENTELISMO E MAQUINA ESTATAL NAS ELEIÇÕES DE 1982.
Maria Antonia Alonso de Andrade. (no prelo).
9. A IGREJA POPULAR NA IMPRENSA PAULISTA
Joana Neves - fevereiro/85.